Yo, señora, soy el gigante Caraculiambro, señor de la ínsula Malindrania, a quien venció en singular batalla el jamás como se debe alabado caballero don Quijote de la Mancha.

TERÇA-FEIRA, 28 DE ABRIL DE 2009

O enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca (Primeira Parte - completa)

Composto por Miguel de Seiva-Antes Tu-verás

Dirigido ao Duque de Sembargador, marquês dos Trilhos, conde de Tobias e Barreto, visconde de Juventus, senhor das vilas Um-é-pouco, Dois-é-bom e Três-é-Demais.

Prólogo

Desocupado leitor: sem juramentos me poderias crer que essa história fosse a mais bela de todas, ou pelo menos, que fosse de alguma forma bela. Mas assim não será, tanto pela inabilidade de quem te escreve, quanto pelos enganos, dissimulações e barbaridades cometidas por tão singular personagem, que ela pretende muito sucintamente contar.

Mas deixemos de lado os prólogos, que servem apenas para aumentar a impaciência do leitor e atrapalhar as medidas ecológicas, que tentam minimizar os estragos em conseqüência dos desmatamentos selvagens das florestas, controlando o numero de papéis impressos. Essa história do *Cavaleiro da Taturana Figura* levou muitas pessoas a concordarem com os versos do poeta Ovídio:

Donec eris felix, multos numerabis amicos,
Tempora si fuerint nubila, solus eris.

E com isso, prezado leitor, que Deus te salve, e a mim não esqueça. *Vale!*

Versos laudatórios à história do enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca

A Cambucínico

Sou Cambucínico, o cavalo,
Famoso bisneto do grande Babieca
E neto do magistral Rocinante.
Por fraqueza e força das circunstâncias
Acabei em poder dum tal Don Furioso,
Que me exigia submissão
Mesmo nas mais disparatadas loucuras.
Acompanhei suas andanças
Do Iapoque ao Chuí,
E testemunhei o poder mágico
E encantador de sua retórica.
Sedutor da juventude,
Sócrates tupiniquim,
Sofista galhardo!

A senhora trás-os-montana, Ivocinéia de Dobozo

Oh! Quem teria, devota Ivocinéia,
Por mais comodidade e mais repouso,
Coragem de trocar a santa Dobozo,
Por Paris, Lyon ou Nicéia?

Quem é senão, que em teus sonhos braveja,
Alma e corpo te preserva, o famoso
Taturana, solerte cavaleiro furioso
Em busca de mais uma peleja?

Oh! Ivocinéia, senhora de Dobozo,
Fostes tu feliz ao tempo que fostes triste
E gostastes do gosto dos desgostos.

PRIMEIRA PARTE

Je hais toute sorte de tyrannie,
et la parlière, et l'effectuelle.

Michel de Montaigne

Capítulo Primeiro

Que trata dos traços particulares do famoso e valente fisgado Don Furioso de la Mooca.

Em um lugar da Mooca de cujo nome eu não quero me lembrar, não há muito tempo, vivia um fisgado, de sobrancelha avantajada, estatura reduzida e barriga mais para caldo que feijão.

Os ratos de sua casa estavam ociosos, pois ele não fazia outra coisa a não ser ler livros e textos da Internet, que narravam histórias fantásticas de santos e valorosos guerreiros desde Godofredo de Bulhão até o Cônan e o Batman, de quem, no inverno, tomava emprestada a capa. Lia com tanta afeição, imaginação e gosto, que se esqueceu de cuidar das coisas que seu dever de estado lhe requeria. Colecionava citações e, muitas delas, ele adaptava a seu modo, como a que dizia: “A razão da sem-razão que para mim faz sentido, enfraquece de tal maneira minha razão, que com razão me queixo do mundo todo”. Com todas essas razões, perdia o furioso cavaleiro a razão, e esforçava-se em entender, descobrir e revelar o sentido de todas as frases e idéias implícitas e camufladas nos textos de todos os historiadores da filosofia, santos e Papas, que lhe caíam às mãos. Envolvia-se tanto com as leituras, que se fez secar o cérebro e perdeu o juízo. Acreditava tanto em suas tormentas e disparates, que estava absolutamente seguro de que tudo que interpretava era a verdade mais certa do mundo.

Tudo isso, alimentou de tal maneira sua imaginação, que teve um dos mais estranhos pensamentos jamais vistos entre os maiores loucos da humanidade. Cria necessário, para sua honra e para serviço da igreja, fazer-se cavaleiro leigo andante e ir-se pelo mundo angariando discípulos para si, em nome da igreja, para por em prática o que tinha aprendido nas leituras sobre as cruzadas e as vidas de Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier e Dom Bosco. Desafiava todos os tipos de pessoas, desde ateus e hereges, até padres e Bispos. Ele julgava, que acabando com todos eles, poderia cobrar da vida, eterno nome e fama.

Tratou de tomar um cavalo e colocar-lhe um nome. E como imaginava aquele ser um manga-larga inigualável, resolveu dar-lhe o nome de Cambucínico, em honra do bairro onde passara boa parte da vida e toda sua infância. “Tu te chamarás, Cambucínico, um nome sonoro e muito significativo”, disse ao cavalo, batizando-o. “Agora só falta escolher-me um nome digno de minha fisgada pessoa”. Passaram-se oito dias. E como se achava uma pessoa eleita de Deus, um peixe fisgado pelo Grande Pescador, surgiu-lhe o nome, que a seu entender, lhe daria fama e imortalidade: “Don Furioso”, pronunciou.“Don Furioso de la Mooca”, repetiu solenemente.

“Assim declaro minha linhagem e minha pátria, honrando-a ao tomá-la por sobrenome. Don Furioso, Don Furioso de la Mooca”.

Com cavalo batizado, e seu nome escolhido, pensava que lhe faltava apenas uma dama, porque um cavaleiro andante sem amores era como uma árvore sem folhas e sem frutos; um corpo sem alma. “Se encontrar em minhas andanças um inimigo gigante, como é próprio de cavaleiros andantes, depois de vencê-lo, oferecerei a ela meus triunfos”, decidiu. Tratava-se de uma mulher originária de Trás-os-Montes e que morava nas redondezas do lugar. Seu nome era Ivonette, a quem lhe pareceu dar bem o título de “Senhora de meus pensamentos”. E buscando um nome que não se diferenciasse muito do verdadeiro e que fosse digno de uma elevada senhora, resolveu chamá-la de Ivocinéia de Dobozo, porque seria a dama do Bozo. Um nome musical, original e significativo como todos os demais que ele havia posto nele e em suas coisas.

Capítulo Segundo

Que trata da primeira saída e de como se armou cavaleiro o enganoso Don Furioso.

Confessando-se cavaleiro, pensava que o mundo conclamava sua presença. Ele já calculava quantos inimigos ele iria encontrar aquele dia, as insensatezes que corrigiria, os abusos que reverteria e as injustiças que ele mesmo deveria extirpar. Cedinho pela manhã, armou-se cavaleiro, subiu em seu Cambucínico, e saiu com grandioso alvoroço para satisfazer seu ego e seus desejos de aventura. Logo, porém, deu-se conta que ainda não era cavaleiro, pois pela lei de cavalaria, ele deveria ser armado antes de partir em andanças. Resolveu então entrar na primeira igreja que encontrasse. Quando se deparou com uma paróquia salesiana, colocou-se diante do altar e foi implorar a Deus, que lhe desse muitas almas. Que lhe tirasse todo o resto, mas que lhe desse almas. Almas que fossem discípulas suas e lhe prestasse eterna gratidão e submissão, pois que não era possível ser bom cristão, sem ser seu discípulo.

Acreditando-se abençoado, partiu com Cambucinico em busca de aventuras. Caminhava por um dos tantos caminhos de la Mooca, contentíssimo por ter sido armado cavaleiro, pensando em sua amada, até que avistou um grande número de pessoas reunidas. Era uma rapaziada, cheia de sonhos, com ingenuidade e alegria, que conversava descontraidamente. Aproximando-se, Don Furioso, tentando imitar as narrativas da vida dos santos que havia lido, imaginou tratar-se das almas de sua primeira conquista. E levantando a voz, em tom arrogante disse:
“Que o mundo pereça, se todo mundo não admitir, que não há dama, no mundo inteiro, mais virtuosa que a Imperatriz da Mooca! A sem par, Ivocinéia de Dobozo!”
Os rapazes, surpresos, detiveram-se diante de tal estranha intervenção. Ao ver a figura esquisita que lhes falava, desconfiaram de sua loucura. Mas resolveram ouvir, para ver até onde iria aquela galhardia. Um deles, brincalhão e bonachão, resolveu responder:
“Senhor cavaleiro, nós não conhecemos essa dama, a que se refere. Mostre-a, e então daremos nossa opinião”.
“Opinião? Sua opinião não vale nada! E que valor tem em afirmar uma coisa incontestável ao vê-la? A grandeza está em acreditar no que eu digo. Não precisas ver, porque se tens que ver o que eu digo, não há sentido em crer. Tens que crer, confessar, afirmar, jurar e defender! Isso é virtude”, respondeu Don Furioso aos berros.
“Suplico fisgado cavaleiro, que se acalme e não nos entenda mal. Mostre-nos pelo menos uma foto, para então que vejamos sua grandeza e virtude”.
“Não venha com essa, canalha infame!”, retrucou Don Furioso violentamente como se fosse um rolo compressor, “vocês pagarão por essa incrível blasfêmia! Vocês negam uma realidade gritante, como a inegável virtude de tão beata figura, Ivocinéia de Dobozo. Vocês estão pecando contra o Espírito Santo, negando a evidência”.
Partiu para cima do rapaz, não o deixando falar, nem pronunciar nem mesmo uma palavra. Descarregou toda sua cólera sobre o miserável, até que escorregou e bateu a cara no chão. Ao levantar o rosto, a rapaziada reparou que um chiclete mastigado, que estava na calçada, havia colado bem na ponta do nariz de Don Furioso. Todos começaram a rir.
Ele, no chão, gritava enquanto os rapazes dispersavam-se:

“Me pagarão, seus malandros. Eu sou Don Furioso de la Mooca. Vocês não sabem com quem estão brigando! Covardes! São todos covardes!”. Quando todos foram embora, levantou-se com dificuldade e disse para si mesmo: “Não me dou por vencido. Eu sei quem sou”.

Capítulo Terceiro

Da segunda saída de nosso cavaleiro Don Furioso de la Mooca e de sua aventura com os milagres do vento.

Ao voltar para casa, buscou um de seus livros mais queridos. Mas não encontrou. Vasculhou toda a casa. Nada. Primeiro suspeitou que fosse alguma trama dos infernos, fruto de algum conchavo secreto do Padre Lambari, ou alguma urucubaca do Padre Reinaldo. Depois julgou que havia sido um encantamento de seu eterno desafeto, Fernandão. “Esse monstro Fernandão me persegue. É um grande inimigo meu! Ele me tem ojeriza porque sabe que sou melhor que ele, e que o vencerei! Por isso tenta me atrapalhar em tudo que pode. Mas não conseguirá deter-me, porque ele não tem o poder de mudar o que o céu determinou!”
E resolveu então escolher um escudeiro, para que não caminhasse sozinho. Não precisava ter muito sal na moleira. Prometer-lhe-ia herdar todas as almas que ele viesse a conseguir e lhe garantiria perdão divino, persuadindo-o de que todas as burlas que fossem necessárias para despistar o fisco eram perfeitamente legítimas. Albancho Melança era o seu nome.
Puseram-se então a caminho, em busca de aventuras, com seu escudeiro montado num burrico. Depois de uma longa jornada, Albancho Melança mantinha-se sobre seu jumento como um patriarca, imaginando-se herdeiro de almas, como seu amo havia-lhe prometido.
Enquanto cavalgavam, conversavam sobre o futuro das almas que conquistariam. O sol escaldante parecia turbar-lhes os sentidos. Até que, de repente, Don Furioso diz para seu escudeiro:
“Albancho! A providência nos guia de modo muito melhor do que imaginamos.

Veja a brisa que está nos refrescando e o ouça o vento que nos chama!”
“Que vento? Não ouço nada”.
“Olha o vento aí! Falando bem claramente VOUS, VOUS, VOUS!”
“Caro amo, não há nada aqui, a não ser que a coruja esteja fazendo hora-extra!”
“Bem se vê que não entendes nada das coisas de Deus! Não é coruja nenhuma! É o vento falando francês! E se duvidas, vá embora, não fiques nem um instante perto de mim!”
“Eu não sei falar francês!”
“Então te cala e escuta o vento. VOUS, VOUS, VOUS!”
“Que ele diz?”
“Olhe! O homem vestido de branco está me chamando....e está dizendo...
“VOUS....VOUS... Don Furioso, tu és o escolhido de Deus. Deverás publicar o terceiro segredo de Fátima. VOUS...VOUS”.
“Não há vento!”, insistia Albancho.
Admirado com a visão, e sem dar ouvidos ao escudeiro, foi atrás do homem de branco, implorando que voltasse. Ele, porém, distanciava-se, para desespero de Don Furioso que gritava: “Milagre! Não fujas! Não sejas covarde!”. E passou a correr com todas suas forças. Fatigou-se. Mas logo cessou a alucinação do vento, que o cavaleiro da Taturana Figura teve, e a miragem foi-se definitivamente embora. Cambucínico tropeçou de cansaço e caiu, derrubando junto consigo Don Furioso.
“Valha-me Deus, meu amo! Eu não disse que não havia vento!”
“Cala-te, meu filho Albancho. Essa é boa guerra. E as coisas de guerra estão sujeitas a mudanças imprevistas. Estou certo que o tropeço de Cambucinico foi causado por algum encantamento do Fernandão”.
E Don Furioso ficou com todos os músculos moídos e uma insuportável dor nas costas. Mas não se deixava abater, pois um cavaleiro andante jamais desiste de suas aventuras.
Albancho reclamou de fome e, então, eles decidiram procurar algum lugar para comer.

Capítulo Quarto

Do que se passou com o cavaleiro Don Furioso e seu escudeiro Albancho numa cantina da Mooca.

Avistaram uma cantina verdadeiramente italiana. “Comer não é importante para mim”, disse Don Furioso, “pois é honra para os cavaleiros andantes não comer nada por um mês, ou apenas dois ou três *Sonhos de Valsa* nos finais de semana. Mas se queres comer alguma coisa, entremos nessa taverna”.
“Na verdade não é uma taverna, mas uma cantina”.
“Eu sei muito bem o que estou vendo! Não preciso de ninguém para me esclarecer!”
Ao entrarem na cantina, que era taverna aos olhos de Don Furioso, ele percebeu que um casal numa mesa próximo à porta preparava-se para levar à boca a primeira garfada da comida do prato recém chegado. Mas antes que eles tivessem tempo de colocar a comida na boca, Don Furioso partiu para cima e deu com sua lança na mesa, jogando os pratos no chão. A mulher gritou de pavor e o marido, estupefato, não sabia como reagir.
“Não precisam agradecer!”, falou orgulhosamente Don Furioso, “Salvei-lhes de comerem um prato de minhocas!”
Ao ouvir isso, Albancho tentou esclarecer: “Mas amo! Não eram minhocas! Era Spaghetti a Bolonhesa!”
“Bem sei que se engana Albancho! Não tens experiências nessas coisas de cavalaria! Eram minhocas, que quando ataquei transformaram-se em Spaghetti! Foi seguramente mais um encantamento do Fernandão!”
O dono da cantina, por respeito a seus clientes, exigiu que Don Furioso pagasse pelos pratos e pelos estragos que fizera ao casal. “Se não ressarcir este casal, chamarei a policia”, ameaçou o cantineiro.
Ouvindo isso, Don Furioso ficou furibundo: “Cala a boca! Para mim não há meias palavras! Onde vistes ou lestes que algum cavaleiro andante tenha sido convocado à delegacia ou ao tribunal, por mais homicídios de almas que tenha cometido? Por isso, cala-te, se não queres deixar tua vida por pagamento de teu atrevimento”.

Ao escutar tal discurso, o cantineiro acionou os seguranças, que encheram Don Furioso de sopapos e cacetadas. Ele levou vários dias para se recuperar dos frutos de seus desaforos.

Tout flatteur vit aux dépens de celui qui l'écoute.